

O Corpo: Superfície de Inscrição do Mercado de Consumo

The body: Surface part of a consumption market

Maura Suely Portela Brelaz

Universidade Federal do Pará – maurabrelaz@yahoo.com.br

Sílvia Nogueira Chaves

Universidade Federal do Pará – schaves@ufpa.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre práticas do mercado de consumo que inscrevem os corpos. Partiu-se do pressuposto de que o corpo é um construto histórico, político e social com base em ferramentas teóricas de Michel Foucault e outros autores. Nas análises discutiu-se sobre o efeito dessas práticas nos processos de subjetivação persuadindo a desconfiar de determinadas posições de sujeito que ocupamos, problematizando o ser belo-magro, gordo-feio, magro-normal, gordo-patológico. Olhar o corpo inscrito no interior dessas práticas leva a desconfiar que estas sejam isentas de interesses, apartadas de relações de poder. Colocar em suspeição as práticas hegemônicas, especialmente as escolares, que tomam o corpo de maneira “natural” permite desconstruir concepções que nos fizeram vê-lo como estrutura anatomo-fisiológica, imutável, para dar lugar a um corpo contingente, ao qual se pode dar outras formas.

Palavras-chave: Corpo, Prática, Ensino de Ciências, Subjetivação.

Abstract

This essay aims to discuss the consumption market practices in which the bodies are part. We consider the body as a historical, political and social construction according to Michel Foucault and other authors' theories. In the analysis, we discussed the effects of these practices in subjectivation processes that persuade us to doubt certain positions assumed by the individual and we problematize the beautiful-slim body, the ugly-fat one, and the pathological-fat one. We look at the body as part of these practices and this makes us doubt that this concept is really free of interest, since it is always part of the power relationship. Doubting the hegemonic practices, especially the schools ones that consider the body in a natural way allow us to dismantle the concepts that made us see it as an immutable anatomo-physiological structure to see it as a contingent body that can have other shapes.

Key-words: Body, Practices, Sciences teaching, Subjectivation.

Introdução

O corpo tem sido alvo de inúmeros discursos e de práticas¹ que o inscreve e o constitui. No âmbito do ensino de ciências de modo particular, ele tem sido tratado como algo “natural”,

¹ Na perspectiva foucaultiana, as práticas podem ser *práticas discursivas* e *não discursivas*. As práticas discursivas estão relacionadas a fabricação dos discursos enquanto as não discursivas, são aquelas que não se incluem no campo discursivo, portanto, aqui consideradas as práticas midiáticas, as estratégias, instituições, etc.

um corpo mecanizado, essencializado (ANDRADE, 2007). Nessa perspectiva, o currículo assume um papel central, à medida que, não somente corporifica “noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade” (SILVA, 2008, p.195), como também atua na produção dos indivíduos e de seus corpos. Tal corpo se caracteriza por ser apartado da cultura; um corpo fragmentado, sem rosto, sem vida, sem história, sem sexo, associado a máquinas e objetos, tais como: robôs, casas, empresas. Contudo, a maneira como aqui compreendemos o corpo está para além de uma composição biológica, ele é visto, sobretudo, como um construto histórico e cultural, como um híbrido da biologia com a cultura (SANTOS, 1997; SOUZA, 2001; MACEDO, 2005; GOELLNER, 2007).

Caminhando em perspectiva semelhante, o corpo é também aqui considerado uma estrutura plástica, mutável, que pode ser moldada, fabricada; uma superfície onde os acontecimentos se inscrevem, ele é produzido, marcado inteiramente pela história. Desse modo, o corpo é um campo político, isto é, ao mesmo tempo em que ele é investido de poder ele é campo de ação de poderes (FOUCAULT, 2009, 2009a).

Vale destacar que o poder, nessa perspectiva, não é visto como algo que emana de um centro ou de uma instituição, ele não se localiza em um ponto específico da sociedade, como o Estado, mas está disseminado por toda estrutura social e é algo a que ninguém escapa. Desse ponto de vista, o poder não deve ser visto apenas como negativo, que apenas diz não, que castiga, reprime, mas como algo produtivo. Assim, o corpo é visto como objeto e principal alvo do poder, isto é, o lugar onde ele vai atuar (Idem). Desse modo, sendo o corpo alvo do poder, ele é governado² por diversas práticas, as quais são constitutivas de corpos e de subjetividades³. Dentre essas práticas, destacamos as práticas midiáticas e do mercado de consumo, as quais ao inscreverem o corpo, produzem um corpo “perfeito”, “ideal”, ao mesmo tempo em que controlam, regulam os corpos, incitando os indivíduos a serem de determinado jeito e não de outro. Nessa perspectiva, procuramos com este trabalho discutir as relações de poder-saber que participam das práticas midiáticas e do mercado de consumo, as quais são produtoras de nossos corpos, nos moldando, modelando, transformando, à medida que nos sujeitamos ou resistimos a elas. Assim, consideramos que o corpo bonito, saudável, o corpo gordo, magro, normal, anormal são inscritos no interior dessas práticas, as quais estão atravessadas por relações de poder-saber.

Desse modo, pretendemos com essas discussões chamar atenção de professores e professoras de ciências para olhar o corpo investido de historicidade, que ultrapasse a idéia do corpo organismo, naturalizado, essencializado, tão presente em nossas salas de aula.

Investigando o corpo em narrativas de estudantes da educação básica

Partindo desses pressupostos, elegemos as narrativas⁴ de estudantes da educação básica para investigar as práticas que inscrevem os corpos. Estiveram envolvidos/as nesta pesquisa

² Essa noção de governo, de acordo com Foucault (1997), é “entendida no sentido amplo de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens. Governo das crianças, governo das almas ou das consciências, governo de uma casa, de um Estado ou de si mesmo.” (Idem, p.101)

³ A subjetividade aqui está relacionada à maneira como o sujeito é produzido. Nessa perspectiva, assim como entendemos o corpo não como uma entidade dotada de uma essência e, sim, uma forma, do mesmo modo consideramos o *sujeito*; trata-se da forma sujeito. Nesse sentido, o sujeito natural, dotado de uma identidade fixa e essencial dá lugar a um sujeito inventado (VEIGA-NETO, 2005).

⁴ Na perspectiva em que desenvolvemos este trabalho, a narrativa está sendo considerada a partir de Larrosa (2002), como um *modo de discurso*. Desse ponto de vista o *eu* da narrativa não se constitui em uma entidade independente, anterior ao símbolo ou a cultura, que volta seu olhar para si mesmo. Ao invés disso, a narrativa “está já estruturada e pré-existe ao eu que conta a si mesmo” (Idem, p.70)

estudantes do 7º ao 9º anos da educação básica, além de estudantes da *EJA* (Educação de Jovens e Adultos), perfazendo um total de seis turmas, sendo metade destas correspondentes a escola particular e a outra metade a escola pública, ambas localizadas na região metropolitana de Belém, no município de Ananindeua/Pará. Eleitas as turmas, realizamos durante alguns encontros com os estudantes um conjunto de técnicas que os remetesse a pensar sobre o corpo. Essas técnicas envolviam a exposição de cartazes, leitura de textos e projeção de filme que funcionavam como uma espécie de dispositivo para provocar a produção de narrativas pelos estudantes. Vale ressaltar que as técnicas aplicadas foram pensadas com base nas *técnicas de si* de que nos fala Foucault (1994, p.02), as quais “permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser”.

Tendo como referência essa compreensão, empregamos essas técnicas considerando a faixa etária das turmas investigadas, assim, nas turmas do 7º e do 8º ano utilizamos cartazes que mostravam o corpo em diferentes aspectos: estéticos⁵, culturais, raciais, dentre outros. Nas turmas do 9º ano empreendemos a leitura do texto “Espelho, Espelho meu” de Fanny Abramovich que fala sobre os dilemas enfrentados por uma adolescente em relação ao próprio corpo, além deste, também fizemos uso de outro texto intitulado “Arte à flor da pele” publicado pela revista Superinteressante em dezembro de 2000 que faz uma discussão sobre o uso de tatuagens, *piercings* e de outros acessórios por pessoas de diferentes grupos sociais. Já na turma da *EJA* exibimos o filme “O Homem Elefante” que narra a história de um jovem que vivia à margem da sociedade por conta de uma deformidade física decorrente de um acidente ocorrido durante o período de sua gestação. O conjunto dessas técnicas tematizavam o corpo sob diferentes aspectos: sociais, culturais, estéticos, políticos e raciais. Após a aplicação desses dispositivos sucedia-se imediatamente a produção de textos autobiográficos nos quais os estudantes narravam uma lembrança marcante sobre o corpo.

De posse desse material empírico, que se constituiu no *corpus* de análise da pesquisa, selecionamos as narrativas, em seguida, as agrupamos conforme o regime de enunciados⁶ a partir do qual o corpo é inscrito e posteriormente as agrupamos em três eixos. Para este trabalho selecionamos o eixo intitulado *O corpo inscrição do mercado de consumo* em que predominam os enunciados que remetem ao corpo idealizado pelas práticas midiáticas e do mercado de consumo.

Inscrições no Corpo

As práticas da mídia e do mercado de consumo descrevem um corpo supostamente ideal, aliando magreza e beleza e como sinônimo de felicidade, ao mesmo tempo em que engendram formas de ser e ver o corpo desta maneira e não de outra. Esse corpo comparece no excerto da narrativa da estudante que trazemos a seguir.

Desde pequena eu sempre fui magrinha, muito magra e depois eu *comecei a engordar*, então as minhas amigas eram todas bonitas, magras ficavam zoando da minha cara e eu me sentia uma pessoa horrível, eu me sentia feia, gorda e etc ... Então com esses acontecimentos eu me sentia uma pessoa inútil porque todas as minhas amigas eram magras e eu gorda, às vezes elas

⁵ A estética aqui está sendo utilizada no sentido das características físicas utilizadas para classificar o corpo como belo no contexto atual e não no sentido empregado por Michel Foucault.

⁶ O enunciado, nessa perspectiva, não se coloca em uma análise lógica e nem gramatical, ao invés disso está situado em um nível específico de descrição (Castro, 2009). Desse ponto de vista, podemos pensar com Foucault (2008a, p.31), que “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”.

me convidavam para ir para a piscina, clubes, praias, etc, mas eu não ia, por que se eu fosse todas elas iam estar de biquíni com a barriga bonitinha e eu lá toda gorda, então, eu ficava muito triste e não ia (...) (Lia, estudante do 8º ano).

Nessa narrativa observamos alguns enunciados que apontam para os discursos da beleza associada à magreza e, concomitantemente, da obesidade relacionada à feiúra, à pessoa destituída de valor, “inútil”, tal como afirma a estudante: “*me sentia uma pessoa inútil*”. Tais enunciados inscrevem-se no interior de certas práticas discursivas da contemporaneidade, como as práticas da mídia e do mercado de consumo cujo corpo desejável torna-se o corpo magro, considerado belo, saudável, sem gordura, sem excessos, à semelhança dos corpos que aparecem em capas de revistas, campanhas publicitárias e propagandas de TV. Corpos que se tornam referência, parâmetro, padrão daquilo que se não somos, deveríamos ser se quisermos nos tornar *úteis, incluídos, normais*.

Importa problematizar que esses modelos de ser (belo-magro, gordo-feio, magro-normal, gordo-patológico) aparecem como pares fixos em um mundo subtraído de temporalidade, historicidade. Aparecem como padrões transcendentais que no “regime da verdade⁷” ocupam o lugar do verdadeiro (FOUCAULT, 2009). Contudo, como nos lembra Foucault (Idem, p. 27):

O sentido histórico, (...) "reintroduz no devir tudo o que se tinha acreditado imortal no homem (...) Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. A história "efetiva" se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apóia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. Tudo em que o homem se apóia para se voltar em direção à história e apreendê-la em sua totalidade, tudo o que permite retraçá-la como um paciente movimento contínuo: trata-se de destruir sistematicamente tudo isto.

Reintroduzir o sentido histórico para sistematicamente destruir tudo o que se tinha acreditado como imortal no homem. Despedaçar o jogo consolante das identificações (Idem), possibilita desnaturalizar esses lugares instituídos (da beleza e da feiúra, por exemplo). Faz desconfiar de determinadas posições de sujeito que ocupamos nos discursos, nas práticas que nos (en) formam e conformam.

Em tais práticas há uma valorização do corpo como local da beleza e da saúde, em que se pese, saúde e beleza são nessa perspectiva, até mesmo consideradas quase que sinônimos. Portanto, para se ter um corpo bonito, saudável, há que ser magro, leve, *light*. Nessa mesma direção, as práticas do mercado de consumo prometem que ser bonito é garantia não apenas de saúde, mas também de sucesso e felicidade. Daí a preocupação de cuidar desse corpo, adulá-lo, dar à ele a mesma importância que outrora se deu à alma (SANT'ANNA, 2002).

Essa valorização do corpo, através do cuidado com a aparência está relacionada ao que Foucault (1997) denominou *governo* do corpo. Isto é, um modo de regular o corpo, uma forma de controle dos indivíduos que adquiriu outra forma, não mais a forma de um controle-

⁷ De acordo com Foucault (2009, p. 12), “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.”

repressão e sim, de controle-estimulação, tal como exemplifica: "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!" (FOUCAULT, 2009, p.147). Desse modo, se com a disciplina⁸ o corpo foi recortado em sua individualidade para que se reproduzissem exercícios de forma controlada e se produzisse corpos dóceis, por outro lado, "o biopoder tomou o corpo, (...) no conjunto da população por meio dos exercícios de governo da vida" (CÉSAR, 2009, p.270). Assim, por meio de certas práticas e estratégias do mercado de consumo faz-se o controle dos corpos, incentivando as pessoas a serem cada vez mais magras e, supostamente, mais bonitas, e saudáveis.

Outrossim, "o governo dos corpos se transformou em um processo individualizado de gestão e administração do corpo saudável, entendido aqui, como magro, leve, ágil e flexível" (Idem, p.272). Uma das formas de gerir a vida nessa nova forma de governar o corpo se dá através de uma alimentação equilibrada, de atividades físicas reguladas, do controle do *estress* e do incentivo à busca da felicidade (Ibidem). Esse discurso comparece nos fragmentos das narrativas que trazemos a seguir:

(...) não conseguia me aceitar do jeito que eu era, (...), então por isso eu resolvi emagrecer, eu parei de comer comidas gordurosas, ficava sem jantar, não lanchava ou até ficava sem comer, tudo o que eu via em revistas, jornais, sobre dietas de como emagrecer eu fazia (...) (Lia, estudante do 8º ano).

Quando eu tinha 10 anos eu era gordinha, os meninos da minha rua me apelidavam de baleia e de várias coisas eu olhava pra mim e me achava muito gorda, aí eu resolvi parar de comer muito (...) (Nanda, estudante do 8º ano)

Eu quase fiquei doente, pois ficavam dizendo que eu era gorda e, eu digamos, com uma psicose acabei parando de comer, eu comia e vomitava, assim eu achava que se eu comesse *eu iria ficar gorda e ninguém iria gostar de mim*. (Carol, estudante do 7º ano)

Nessas narrativas chamamos atenção para os enunciados em que se evidencia uma preocupação das estudantes em relação à alimentação, quanto à seleção daquilo que se come, tal como nos diz a estudante Lia: "*parei de comer comidas gordurosas*"; a quantidade daquilo que se come, como destaca Nanda: "*resolvi parar de comer muito*" ou até mesmo em relação a abster-se de comer, como podemos observar ainda na narrativa de Carol quando diz que: "*[acabei] parando de comer*".

Esses enunciados nos remetem a algumas práticas intensivamente difundidas na atualidade e que, supostamente se inscrevem no campo da "saúde" e da "boa forma". Nas diferentes mídias em que comparecem tais enunciados há invariavelmente associados a eles a figura do especialista (médico, nutricionista, educador físico...) autorizado a classificar pessoas e práticas sociais, proferir verdades, prescrever condutas e, especialmente, produzir temor, culpa e desejos.

Assim, esses enunciados, tão fartamente presentes em nosso dia-a-dia não são apenas "atos de fala da vida cotidiana" como se poderia supor em decorrência do tipo de veículos em que circulam (geralmente em mídia tidas como de propaganda e entretenimento), mas são "atos de

⁸ A disciplina aqui entendida segundo Foucault (2009a), como um conjunto de técnicas capazes de moldar os corpos dos indivíduos, a fim de torná-los úteis para a sociedade, a qual tem como principal alvo o corpo a fim de exercer sobre ele certo controle, com objetivo de regulá-lo, moldá-lo, produzindo como efeito "corpos submissos e exercitados, corpo dóceis" (Idem, p.133).

fala sérios” (DREYFUS e RABINOW, 1995) porque pronunciados do lugar do perito, investido da autoridade que esse lugar lhe confere.

Como sujeitos desses discursos os estudantes agem em relação a seus corpos, modelam e moderam suas ações em consonância com aquilo que os peritos sancionam ou condenam quando se permitem comer ou não determinados alimentos para não “*ficar gorda [o]*”. Nessa mesma perspectiva é que também situamos a narrativa desse outro estudante:

Quando eu comecei na escolinha de futebol tinha o corpo meio fraco, muito magro e o pessoal ficava me encarnando, não conseguia jogar igual aos outros meninos porque eu era muito leve e todas as vezes que ia dividir uma bola com alguém eu caía, aí eu sempre ficava no banco de reservas. Então, pra ficar com o corpo mais forte como dos meus colegas, fiz muito exercício físico, agora meu corpo ficou bem legal e eu já consigo jogar como eles, depois disso eu até me dei bem com as meninas (André, estudante do 9º ano).

A introdução das atividades físicas na vida das pessoas, a exemplo de André, e da mudança nos hábitos alimentares dos indivíduos, também enfocado nas narrativas anteriores é incorporado como algo natural em nossos dias. Essas práticas corporais que são prescritas por discursos que vinculam estética à saúde são experimentadas como decisão pessoal - *Então, pra ficar com o corpo mais forte* - que parte de um sujeito autônomo, independente, que deliberadamente, por suposto, se submete a tais práticas em nome da saúde, da ordem e do progresso’ desejados para seus corpos.

Contudo, há que se indagar sobre o aparecimento desse desejo, sobre sua produtividade, seu efeito disciplinador e fim normalizador⁹. Desejo forjado em meio a pequenas humilhações - *o pessoal ficava me encarnando*; privações ligeiras - *sempre ficava no banco de reservas* – comparações e hierarquizações - *não conseguia jogar igual aos outros meninos*; *eu já consigo jogar como eles* – recompensas - *eu até me dei bem com as meninas*.

Esses são processos sutis que funcionam, como analisou Foucault (2009a, p.176), como sanções normalizadoras cujo objetivo é:

Fazer funcionar, através dessa medida "valorizadora", a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal.

São práticas normalizadoras que produzem corpos dóceis, corpos submissos e úteis (Ibidem). Em tais práticas, se propaga a idéia de que para se ter um corpo bonito, esbanjando saúde, deve-se aliar o cuidado com o corpo, por meio de dietas a práticas de exercícios físicos (FIGUEIRA, 2003). Tais práticas operam como reguladoras, no controle de si e dos outros, conforme destaca Foucault (2009, p.146):

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu

⁹ Esse termo está relacionado ao conceito de norma que, de acordo com Foucault (2002, p.62), “não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo poder de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de inteligibilidade; é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado (...) a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo.”

próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.

Contudo, a busca por um corpo bonito, saudável e perfeito por meio do esforço físico em prol da aparência por vezes escapa ao regime regulador das dietas e dos exercícios corporais, principalmente quando se trata de algum tipo de anomalia, de “defeito” que foge ao padrão de consumo do mercado.

Nesse caso, o controle do corpo é praticado de forma mais incisiva, requer intervenção intensa e localizada, com uso de tecnologias que por vezes, literalmente, cortam, extirpam, remontam, reconfigurando a anatomia corporal. As cirurgias plásticas, os tratamentos estéticos pontuais, o uso de tecnologias corretivas e reconstrutoras, dentre outras técnicas disponíveis no mercado encontram-se nessa modalidade de controle. No contexto dessas práticas, vende-se a idéia de que não há limite para se ter um corpo bonito e perfeito e prolongar a juventude, o prazer pela vida, mesmo que isso exija certos sacrifícios da parte do indivíduo. Tais práticas comparecem nas narrativas das estudantes a seguir.

Até certo tempo atrás eu ficava muito chateada com meus colegas, pois eles não podiam me ver que falavam que eu tinha os seios grandes, eu nunca me senti bem com as críticas das pessoas, foi então que eu resolvi fazer uma operação nos seios, depois que fiz a cirurgia comecei a me sentir melhor.
(Cléo, estudante da EJA)

Além dessa narrativa, trazemos também o relato de outra estudante, que, quando perguntada sobre a ausência de uma colega muito próxima à ela durante as aulas, respondeu:

Ela fez uma cirurgia na orelha porque a orelha dela era muito aberta e ela tinha vergonha, por isso não gostava de prender o cabelo. (...) Ela disse que a cirurgia é bem simples, que não causa muita dor, mesmo assim tem que esperar uns dias pra se recuperar, mas ela não quer que ninguém saiba disso.
(Tânia, estudante do 9º ano)

Vivemos na era dos *cyborgs*, o que antes era tido como ficção, está hoje materializado e banalizado em práticas de subjetivação que se inscrevem na superfície mais visível de ação do poder, o corpo. A objetivação do humano passa pela fabricação do corpo, o corpo máquina, que não é mais o do mecanicismo cartesiano-newtoniano, que não mais se submete às leis universais, mas a elas se sobrepõem pelas leis de mercado. Corpo montável, moldável, equipável. É preciso reconfigurá-lo, remodelá-lo, dá-lhe novo formato, outros usos, transformá-lo. Corpo atravessado por tecnologias que garantem não mais um terreno no céu, mas um céu na Terra. Tecnologias que não remetem mais ao exame de si, o exame da consciência, mas igualmente como técnicas do si aplicam na superfície do corpo as regras de sua existência.

Seja bonito para ser feliz é isso que os enunciados dizem e produzem como meta a ser alcançada. Nas narrativas das estudantes em destaque a sujeição do corpo a uma “*cirurgia é bem simples*”, tanto que “*não causa muita dor*” e mesmo que esta venha causar algum tipo de sofrimento - “[*tere*] *que esperar uns dias pra se recuperar*”, ainda assim vale à pena. Afinal, para estar bem consigo (ou seria com os outros?), com seu corpo, qualquer sacrifício parece válido, tem sua recompensa - “*depois que fiz a cirurgia comecei a me sentir melhor*”.

Tais enunciados nos remetem às práticas discursivas inscritas nos campos da medicina estética e dos tratamentos corporais, cuja falta de beleza e imperfeição do corpo tornaram-se um caso clínico, podendo, desse modo, ser tratada como uma questão de decisão pessoal, acentuando assim, a idéia de que “só é feia quem quer” (SANT’ANNA, 2005).

Contudo, tais práticas são aqui entendidas como uma forma de controle e de regulação da sociedade sobre o corpo, na medida em que esta prescreve um modelo de beleza, de corpo ideal, estimulando, assim, desejos e necessidades nos indivíduos para que estes busquem alcançar esse corpo, conquistá-lo. Assim, apesar da aparente autonomia que se tem sobre o corpo, não se trata de um investimento circunscrito apenas ao campo pessoal e, sim, de um controle que se faz sobre o indivíduo, sobre seu corpo e sua vida, para que este se sujeite às práticas inscritas no mercado.

Tais práticas, em geral, afetam mais o dito universo feminino, pelo fato de que em diferentes culturas e sociedades associou-se beleza e “feminilidade”. Assim, enquanto a mulher é vista como guardiã da graça e da beleza os homens seriam “dotados” de força. Desse modo, o embelezamento feminino adquiriu diversas formas de acordo com os discursos e padrões de beleza de cada época. Houve tempo, por exemplo, em que a feiúra era associada a doença e, portanto, era tratada com remédios, havendo com isso crescimento na indústria farmacológica, ao mesmo tempo em que se destacava a figura do médico, responsável por fazer prescrições no “tratamento” do corpo feminino, regulando, assim, sua conduta. Por outro lado, em outra época a beleza foi vista como um atributo Divino enquanto sua falta era considerada uma arbitrariedade celeste, sendo assim, as prescrições da conduta feminina passou a girar em torno dos manuais e guias da moral católica, a partir das quais se passou a utilizar outras técnicas em relação ao corpo, no lugar dos remédios surgem outros produtos de embelezamento, como os cosméticos capazes de tornar a mulher “mais feliz e satisfeita com ela mesma” (Idem, p.128). Desse modo, à medida que surge um novo modelo de corpo e de beleza padrão em cada época, novas formas de controle e de regulação do corpo feminino vão sendo forjados.

Desse ponto vista, o mercado de consumo vende a imagem de um corpo que, por ser plástico, maleável, moldável, pode ser transformado, melhorado, ao mesmo tempo em que garante prazer, sucesso e felicidade. Esse trabalho *das e nas* aparências, conforme destaca Soares (2008), não é recente, ele foi sendo reeditado a cada época, produzindo o padrão estético das diferentes sociedades. Segundo, ela, durante muito tempo o trabalho com as aparências esteve “fora do corpo”, era um artifício que se localizava no exterior. Trata-se do uso de artefatos como espartilhos, cruces de ferro, saltos altos, botas ortopédicas, dentre outros, para se produzir contornos, volumes e desenhos responsáveis por sustentar uma dada aparência. Contudo, ao longo do século XVIII, o uso desses artifícios passou a ser duramente combatido por médicos, filósofos e pedagogos. Em contrapartida:

O combate a esse modelo de “educação do corpo” e de fabricação das “aparências” vai permitindo, nesse mesmo movimento, o nascimento de uma defesa de sutilezas que educam o corpo orgânico, de intervenções fundamentadas numa ciência que se dedica a esse *corpo orgânico* e na qual as ginásticas, assim como as cirurgias corretoras, vão triunfar. O corpo torna-se, assim, *superfície de múltiplas experiências* de transformação do visível (SOARES, 2008, p.77).

Portanto, mudam-se os tempos e as sociedades e o trabalho com as aparências vão se modificando conforme as práticas que inscrevem os corpos em cada período, ou seja, os modos como se faz o investimento sobre ele. Assim, se no passado as pessoas faziam cirurgias plásticas para reduzir o tamanho dos seios, tal como optou a estudante Cléo, as práticas que compõem o corpo na atualidade ditam outros padrões de beleza ao corpo feminino, que vê nos seios grandes um dos critérios para atender ao mercado da beleza e do corpo ideal. Assim, como efeito dessas práticas tem havido um crescimento significativo no número de mulheres que procuram as clínicas de estéticas para fazer o implante de silicone nos seios, no intuito de aumentá-los de tamanho.

Além dos procedimentos cirúrgicos, há também outras técnicas de intervenção no corpo para diminuir seu “volume”, reduzir ou aumentar medidas, ficar mais jovem, mais atraente, mais enxuto/a, dentre outros atributos para “garantir” as medidas de um corpo perfeito, uma espécie de *corpo-midiático*, que consiste num referencial a ser perseguido, sem os erros e as distorções do corpo “natural”. Assim,

A conquista de uma dada aparência parece fazer parte do triunfo de práticas consumistas e alimenta idéias *totalitárias de perfeição corporal*. Os jogos de sedução e a perversidade desse mundo das superfícies em que se vive, orquestrado pela publicidade, tanto de produtos, quanto de atos cotidianos, incitam a consumir não apenas coisas, produtos, mas, sobretudo, desejos que internalizam uma certa obsessão pelo *si mesmo*, por “estar bem” com seu corpo e, acima disso, com sua aparência. Os medos e os temas da ordem do coletivo são cada vez mais escassos e quase invisíveis, imperceptíveis (SOARES, 2008, grifos do autor, p.75).

Esse controle do corpo através do excessivo “cuidado de si”, no trato com a aparência e que torna os outros “quase invisíveis, imperceptíveis” (Idem) é, segundo Ortega (2008), uma espécie de ascese contemporânea, por ele denominada *Bioascese*. De acordo com esse autor, o que diferencia as *asceses* gregas clássicas das asceses contemporâneas é que naquela o cuidado de si¹⁰ era um tipo de prática que o indivíduo ao mesmo tempo em que cuidava de si também cuidava da cidade, portanto do outro, enquanto nestas o *cuidado de si* tem como objetivo apenas o cuidado com o corpo (Idem). Nesse sentido,

As modernas asceses corporais, as bioasceses, reproduzem no foco subjetivo as regras da biosociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das biodividades. Trata-se da formação de um sujeito que se auto-controla, auto-vigia e auto-governa (ORTEGA, 2008, p.31,32).

Podemos observar as *Bioasceses* em vários aspectos da vida social. No âmbito da educação escolar contemporânea, por exemplo, essa prática se dá por meio da incorporação dessa nova forma de governo do corpo pelos programas que visam o combate à obesidade infantil e a produção de corpos saudáveis, a chamada *pedagogia do fitness* (CÉSAR, 2009, p.275). Desse modo,

Aferições, exercícios, novas merendas e, sobretudo, um novo estilo de vida, magro e saudável, constituem o tema da nova pedagogia do corpo. Desse modo, instrumentos de medida, velhos e novos, re-habitam e ressignificam o interior da instituição escolar, produzindo aquele que talvez seja o novo “mau-aluno”, o “aluno obeso”. A obesidade será agora o novo lugar da indolência e da falta de caráter no interior da escola e todo um aparato biopolítico induzirá a produção de novas políticas públicas para o controle das medidas, em nome da saúde física e moral da população escolar.

Nas narrativas dos estudantes investigados podemos observar o efeito dessas práticas nos enunciados em que a estudante Lia faz as seguintes declarações: “*me sentia uma pessoa inútil*”, “*(...) eu me olhava no espelho e só via defeito*”, “*pra mim eu era nada*”.

Vemos aí a produtividade dessas práticas no processo de produção de subjetividades, nesse caso, o “novo mau-aluno” de que nos fala César (Idem). Com base nessas práticas discursivas, esse sujeito considerado o novo “mau aluno” não tem mais relação com o aluno indisciplinado ou de baixo rendimento escolar das pedagogias tradicionais modernas, trata-se do indivíduo obeso, que por não se enquadrar às regras da nova *pedagogia do fitness*, passa a ser considerado um mau caráter, um indivíduo anormal, problemático que precisa de tratamento. Nesse sentido, tem sido implementada uma verdadeira “cruzada contra a

¹⁰ O cuidado de si aqui é entendido como “o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo” (REVEL, 2005, p.33)

obesidade na escola: [cujo] o lema é fechar o cerco” (Ibidem, p.275). Essa já é uma realidade que vem ocorrendo em escolas de diferentes regiões brasileiras.

Percebemos ainda outro efeito produzido por essas práticas no que diz respeito aos lugares sociais ocupados por esses sujeitos na sociedade. Ainda na mesma narrativa da estudante Lia encontramos um enunciado que circunscreve o corpo obeso a determinados espaços sociais, sendo-lhe censurada a presença em outros ambientes nos quais só é permitida a entrada de indivíduos normalizados, nesse contexto, de corpo magro, “saudável”, portanto, bonito, perfeito. Percebemos isso nesse fragmento da narrativa da estudante quando diz: “*me convidavam para ir para a piscina, clubes, praias, e etc, mas eu não ia, por que se eu fosse todas elas iam estar de biquíni com a barriga bonitinha e eu lá toda gorda (...)*”.

Vemos, portanto aí que “*piscina, clubes, praias*”, além das passarelas, dos anúncios publicitários das revistas e TV e, agora mais recentemente a escola, foram instituídos como os lugares onde o corpo magro pode circular livremente, sendo que para se ter acesso a esses locais a senha é estar na “medida certa”, com o corpo em dia, isto é, apresentar-se “saudável” ou como diz Lia, “*com a barriga bonitinha*”. Pensando desse modo, somente os que têm o corpo “saudável”, “normal” é que tem o direito de frequentar esses lugares, caso contrário, é vetada sua presença nesses ambientes, a menos que o indivíduo passe a ter “cuidado” com seu corpo, se vigie, se governe, se controle, pois como declara Foucault (2009, p.132) “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”.

Nesse sentido, é dada ao indivíduo a responsabilidade de ter o controle sobre sua vida, sobre seu corpo, devendo estar sempre vigilante com seu peso e medidas, caso este resista, passa a ser visto como indolente, preguiçoso, mau caráter ou como nos diz a estudante Lia, “*uma pessoa inútil*”. Tal idéia pode ser constatada nos resultados de uma pesquisa realizada por Fischler (2005), na qual discutiu que as pessoas relacionam obesidade com a incapacidade dos gordos de se controlar. Desse ponto de vista, “a obesidade para além de ser considerada uma doença reflete, também, falta de responsabilidade da pessoa para consigo mesma” (FIGUEIRA, 2003, p.85). Por outro lado, se sujeitar aos exercícios físicos e dietas é sinônimo de força de vontade, determinação, autocontrole e esforço individual para se alcançar um corpo “saudável”.

Considerações finais

Torna-se importante trazer essas discussões para a sala de aula, sobretudo, no âmbito do ensino de ciências, pois conforme já discutido, o governo do corpo, através de diferentes práticas, como as práticas do mercado de consumo, do *fitness*, dentre outras, antes circunscritas aos clubes, academias, clínicas estéticas, ao campo da moda e da beleza, tem tido hoje alcance nas mais diversas esferas sociais, se fazendo presente inclusive na educação escolar contemporânea, substituindo assim, antigas práticas de controle e de governo do corpo, como as disciplinas. Desse modo, é imprescindível que se problematize o corpo produzido por essas práticas, colocando-as em suspeição na medida em que moldam, regulam, governam nosso corpos tornando-nos sujeitos de tais discursos.

Assim, cabe interrogar-nos enquanto professores de ciências: que *pedagogia* (do *fitness*, do risco, do medo) tem sido privilegiada em nossas salas de aulas? Que corpos tem sido produzidos? Que práticas têm controlado, regulado nossos corpos e os dos outros? Tais questionamentos tornam-se necessários, principalmente nesses tempos em a que as *Bioasceses* têm alcançado as escolas e invadido as salas de aula. Importa assim, questionar as Bio-políticas que regulam nossas práticas e de pôr em suspeição os discursos totalizantes produtores de corpos.

Referências:

- ANDRADE, S. dos S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. IN: LOURO, G. L. FELIPE, J, GOELLNER, S.V (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação.** 3 ed. Petrópolis: Vozes. 2007.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.
- CÉSAR, M. R de A. **A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico.** Dissertação (Mestrado). Campinas: UNICAMP. 1998
- CÉSAR, M. R de A. (Des) educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs). **Por uma vida não-facista.** Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.
- DREYFUS, H. L; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.
- FIGUEIRA, M. L. M. **Representações de corpo feminino adolescente na revista capricho.** Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Rio Grande do Sul. UFRGS. 2003
- FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT’ANNA, D.B de. (Org). **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** 2 ed, São Paulo: Estação Liberdade. 2005.
- FOUCAULT, M. As técnicas de si. Traduzido a partir de *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, Vol. IV. pp. 783-813. 1994. Disponível em: espaço Michel Foucault - www.filoesco.unb.br/foucault.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. L; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.
- FOUCAULT, M. Resumo dos cursos do College de France (1970-1982) / Michel Foucault. RJ: Zahar. 1997.
- FOUCAULT, M. **Os Anormais: curso no collège de France.** São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 2009.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 36 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2009a.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. IN: LOURO, G.L, FELIPE, J, GOELLNER, S.V (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade.** 3 ed. Petrópolis: Vozes. 2007.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e Educação. IN: SILVA, T. T. (org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.
- MACEDO. E. Esse corpo das ciências é o meu? In: MARANDINO. M, SELLES. S. E, FERREIRA. M.S, AMORIM. A. C. R (orgs). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa.** Nitéroí: EDUFF. 2005.
- ORTEGA, F. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond. 2008
- REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: ClaraLuz. 2005.

SANT'ANNA, D.B de. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A (Orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro. DP&A. 2002.

SANT'ANNA, D.B de. (Org). **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade. 2005.

SANTOS, L. H. S. Incorporando outras representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, D. L. (org.) **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Mediação. 1997.

SILVA, T. T da (Org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008.

SOARES, C. L. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: DINIZ. D. M; VEIGA-NETO, A; SOUZA-FILHO, A (Orgs). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

SOUZA, N. G. S. **Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde**. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS. 2001.

VEIGA-NETO, A. Currículo e História: uma conexão radical. IN: COSTA, M. V. (org). **O currículo nos limiões do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.